

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A PERCEPÇÃO DE LUZ E SOMBRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Camille Cistina Witsmiszyn de Souza¹
Dulce Stela Schramme²
Neila Tonin Agranionih³
Lucilene Paixão⁴

Resumo: Percepção de luz e sombra na Educação Infantil foi o tema da sequência didática aqui relatada, realizada com o objetivo de conhecer e promover o desenvolvimento de hipóteses das crianças sobre luz e formação de sombras. Foi realizada em um CMEI em Curitiba, com crianças de 4 e 5 anos. As atividades incluíram contação de histórias, rodas de conversas, improvisação teatral, desenhos livres e elaboração de cartaz. Possibilitaram o levantamento das hipóteses iniciais das crianças, observação, experimentação e a construção de novos conhecimentos sobre o tema luz e sombra. Proporcionaram, também, verificar que temas relacionados aos conhecimentos físicos podem ser trabalhados na Educação Infantil. Pode-se constatar a importância do educador como orientador e, também, a importância de atividades sobre conhecimentos físicos que sejam instigantes e desafiadoras para as crianças.

Palavras-chave: Conhecimentos físicos. Luz e sombra. Educação Infantil.

Introdução

O tema da sequência didática proposto foi “Percepção de Luz e Sombra na Educação Infantil” cujo objetivo foi conhecer e desenvolver hipóteses das crianças sobre luz e formação de sombras, uma vez que, nesta idade já se inicia a percepção e a formulação de hipóteses, mesmo que errôneas, sobre fenômenos físicos. Como a sombra está no cotidiano da criança e que neste contexto, fenômenos e eventos estão ligados à sua imaginação, pensamos ser necessário trabalhar com esses temas integrados à atividades lúdicas, expressão artística, literatura, que aliada a situações problematizadoras promovessem o desenvolvimento da percepção desses fenômenos físicos, a partir de suas hipóteses iniciais.

Buscamos, no presente artigo, descrever a sequência didática desenvolvida e relatar como foram realizados os encontros e o envolvimento das crianças nas atividades. O artigo se organiza da seguinte forma: inicialmente são apresentados fundamentos teóricos sobre Conhecimentos Físicos na Educação Infantil que embasam o trabalho. Posteriormente, no Relato e Análise da experiência, são apresentadas a sequência didática, os registros orais, os desenhos e a produção cênica realizadas. Por fim, são apresentadas as Considerações Finais

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná e ex-bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – cammiw@gmail.com.

² Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná e ex-bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – dulceschramme@gmail.com.

³ Doutora em Educação e Orientadora do subprojeto Pedagogia 3 - ntagranionih@gmail.com.

⁴ Professora da Educação Infantil na Rede Municipal de Curitiba e Supervisora do subprojeto Pedagogia 3 – lucilene.paixao@ig.com.br.

em que buscamos interpretar a sequência e didática e avaliar os objetivos propostos das atividades.

Referencial Teórico

DeVries e Sales (2011) afirmam que as crianças na Educação Infantil conseguem construir conhecimentos sobre o mundo físico, uma vez permitido o contato com o mesmo pela observação e experimentação. Neste contexto, a construção do conhecimento não é um processo estático, uma vez que as crianças precisam experienciar e refinar suas ideias sobre o que é proposto. Outro aspecto importante a ser considerado para este artigo e que as autoras DeVries e Sales (2011) deixam claro, é a importância de permitir que crianças sejam livres para experimentarem, observarem os fenômenos e expressarem suas hipóteses, pois assim podem construir o conhecimento físico. Portanto, é necessário fazer com que a criança possa expressar suas hipóteses, mesmo que errôneas, sobre o que observa e experimenta.

O papel do professor proposto pelas autoras é que este deve ser um orientador que valoriza o raciocínio da criança e as incentiva a testar suas ideias dentro das atividades propostas.

2208

Kamii e DeVries (1986) também foram importantes para o presente trabalho com a obra “O Conhecimento Físico na Educação Pré-escolar: implicações da Teoria de Piaget” em que as autoras explanam sobre as abordagens do conhecimento físico na Educação Infantil e sobre a importância deste tema para o desenvolvimento geral da criança. Tendo uma abordagem construtivista, as autoras contemplam a formação lógica do indivíduo pelos conhecimentos físicos, além de relatar situações em sala de aula sobre os mesmos.

Relato e Análise da experiência

A sequência didática foi realizada no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) na cidade de Curitiba, com crianças entre 4 e 5 anos de idade, da Educação Infantil. Aplicamos em cinco encontros em que foram propostas rodas de conversa, contação de histórias, registros em desenhos livres e elaboração de cartazes de hipóteses.

No primeiro encontro, o disparador do tema foi o livro infantil “Brincado de Sombra” da autora Ana Maria Machado em que a protagonista da história faz indagações para o seu avô sobre a formação de sombras, levantando certas questões como, por exemplo, o porquê não se pode trocar de sombra, por qual razão sua sombra é menor do que do seu avô e culmina com o entendimento de que sua sombra pode ficar maior, uma vez que isto se baseia

na relação entre a luz e o objeto. Com a contação da história, foi realizada uma roda de conversa em que as crianças indagaram e levantaram hipóteses sobre o tema proposto. Foi feito o registro das hipóteses em um cartaz e um desenho livre sobre o que foi discutido.

As hipóteses manifestadas pelas crianças sobre a temática, registrada em um cartaz, foram: “luz”, “coisa escura”, “perto da luz – grande”, “tudo escuro com algumas luzes”, “fechar as cortinas e deixar a luz”, “longe da luz – pequeno”, “mãos”, “a sombra segue a gente” e “sol”. Essas hipóteses foram apenas levantadas neste encontro, pois nosso intuito era fazer com que dissessem livremente o que era sombra e como esta é formada.

Nos diálogos das crianças e nos desenhos livres, também foi possível identificar hipóteses, tais como:

- Dá pra trocar de sombra?
- Não...
- Por quê?
- Porque ela segue a gente.
- Como a Luíza fez para ficar com a sombra grande?
- Ficou mais perto da luz e ficou mais grande.
- E quando ficou mais longe da luz, o que aconteceu?
- Ficou pequena.



Figura 1 – Produzida por J.



Figura 2 - Produzida por E.



Figura 3 – Produzida por L.

No segundo encontro, foi realizada a experimentação com a projeção de sombras na parede. Foi utilizado um projetor de luz para elas produzirem sombras com as mãos, corpo, brinquedos e foram produzidas sombras coloridas também, a fim de refinar as hipóteses do primeiro encontro. Neste encontro, foi permitido que elas experimentassem e observassem, portanto, as hipóteses do primeiro encontro, a fim de construir o conhecimento por elas mesmas.

A atividade permitiu a elaboração de novas hipóteses como as que seguem e que podem ser observados nos registros abaixo: “sombra muda de cor”, “perto da luz – grande”, “longe da luz – pequeno”, “dá para fazer sombra com qualquer coisa”, “a sombra segue a gente”, “no escuro não tem sombra porque não tem luz”, “o sol é um tipo de luz”. Dessa forma, pudemos notar que algumas hipóteses levantadas no primeiro encontro se confirmaram

com a experimentação e observações das projeções de sombra e outras hipóteses foram refinadas.

- Para fazer luz... quer dizer... sombra, precisa de luz... ou fogo
- Por que o fogo?
- Porque também faz sombra.

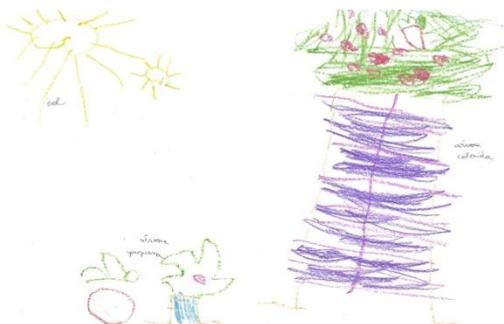


Figura 4 – Produzida por B.

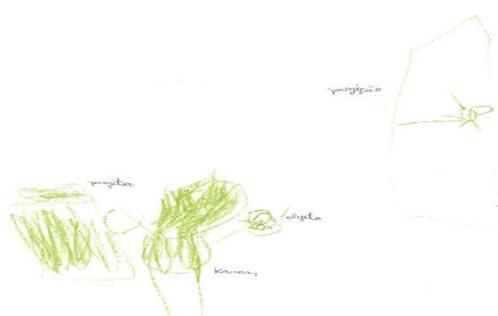


Figura 5 – Produzida por K.

No terceiro encontro as crianças foram questionadas sobre o que era necessário para se fazer um Teatro de Sombras. Elas explicitaram alguns elementos, registrados em um cartaz, que estavam relacionados com conhecimentos físicos, tais como: “luz”, “brinquedos”, “mãos”, “alguma coisa que faça sombra”.

2210

Após foi contada a história “Onde vivem os monstros” do autor Maurice Sendak que serviu de base para a improvisação cênica a ser realizada.

O quarto encontro foi destinado para a produção dos fantoches e ensaio da improvisação cênica. Cada criança produziu o seu próprio monstro que foi transformado em fantoches. No quinto encontro foi realizada a improvisação teatral, em que cada criança apresentou, livremente, o seu monstro para a turma.

Considerações Finais

Através das atividades explícitas neste artigo, os registros e respostas das crianças, pudemos constatar que as crianças podem formular hipóteses sobre conhecimentos físicos e que, em um contexto construtivista, é possível realizar atividades que englobem a formulação de hipóteses a partir de observação e experimentação de fenômenos ou objetos. A sequência didática mostra, também, que é necessário permitir a participação da criança e que esse tema necessita ser mais debatido, uma vez que os conhecimentos físicos podem já ser inseridos para as crianças, com brincadeiras que as instiguem a pensar sobre tal fenômeno ao mesmo tempo em que se divertem.

Neste contexto, retomando os objetivos proposto nas atividades, almejávamos que as crianças pudessem conhecer e desenvolver suas hipóteses sobre a luz e a formação de sombras. Isso se pode constatar em cada encontro e a partir de cada atividade analisada como, por exemplo, a roda de conversa e os registros em desenho livre. Sobre estas atividades, consideramos como válidas, uma vez que a roda de conversa possibilitou um ambiente livre em que elas tiveram a oportunidade de expressar suas ideias. Os desenhos livres também tiveram essa função e verificamos nestes que as crianças conseguiam expressar suas hipóteses.

Diante disso, este projeto contribuiu para nossa experiência didática, uma vez que percebemos que atividades diferentes e instigantes são importantes na Educação Infantil, uma vez que desafiam o educando a pensar e elaborar suas ideias. Além disso, proporcionar um ambiente livre para que a criança se expresse é fundamental. Escutar suas hipóteses, mesmo que errôneas, e construir em conjunto o conhecimento foi constatado ao longo da atividade proposta. Sobre nossas dificuldades podemos destacar que a rotina do CMEI muitas vezes impede que respeitemos o tempo da criança, fato importante no contexto construtivista. Muitas vezes tivemos que interromper ou acelerar a atividade para que a rotina fosse cumprida. Ademais, esta sequência didática foi relevante em nosso aprendizado como futuras educadoras, pois pode nos proporcionar um novo olhar sobre o tema que muitas vezes não é colocado para a Educação Infantil, além de percebermos que as crianças podem construir o conhecimento por elas mesmas através de estímulos e orientação do educador.

2211

Referências

DEVRIES, R; SALES, C. **O ensino de física para crianças de 3 a 8 anos: uma abordagem construtivista**. São Paulo: Penso Editora, 2011.

KAMII, C; DEVRIES, R. **O Conhecimento Físico na Educação Pré-escolar: implicações da Teoria de Piaget**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.